

O sindicalismo revolucionário como uma tendência unitária do movimento dos trabalhadores

Miguel G. Gómez

2024

Conteúdo

Os novos tempos – e agora? 6

Por fim, o que o Congresso de Sants disse sobre os sindicatos únicos? 9

O surgimento do anarco-sindicalismo na Espanha remonta a 1902. Naquele ano, houve uma greve geral lançada de acordo com os métodos do anarquismo revolucionário do século XIX. A greve foi um fracasso e isso fez com que a militância anarquista buscasse outros pontos de referência. Ao mesmo tempo, o proletariado catalão começou a perceber que, para que suas reivindicações fossem bem-sucedidas, ele teria que se organizar em grande escala e reunir um número maior de trabalhadores. Naquela época, predominavam as sociedades profissionais e, no máximo, elas se agrupavam em federações de ramos, sem ir além disso.

A evolução da militância anarquista em direção ao anarco-sindicalismo pode, portanto, ser lida como uma tentativa de adaptar o anarquismo a um novo contexto de luta de classes. Ao se conectar com o sindicalismo francês, eles importaram seu paradigma de sindicalismo revolucionário. Na França, a CGT foi orientada nessa direção ao combinar duas organizações pré-existentes, os sindicatos e as bolsas de trabalho. Nessas últimas, o proletariado era agrupado para autotreinamento. Esse treinamento não era apenas técnico, mas também político. Assim, eles se tornaram um fator de radicalização da classe trabalhadora e o local de ação de certos militantes anarquistas, como Pelloutier, que foi escolhido como secretário geral da Federação Nacional de Bolsas de Trabalho.

O sindicalismo revolucionário postulava um processo pelo qual uma classe trabalhadora unificada em uma central sindical poderia assumir todas as funções então desempenhadas pelo Estado. O sindicalismo não era mais apenas uma ferramenta para obter melhores salários e condições de trabalho, mas poderia servir para substituir o próprio Estado. É por isso que a militância anarquista o via como uma estratégia válida.

Na Espanha, o novo sindicalismo francês foi facilmente adotado, pois estava ligado ao antigo trabalhismo da seção espanhola da Primeira Internacional. Na Espanha, o setor bakunista predominava e, com ele, entre a militância, havia grande confiança na ação revolucionária de massa e nas organizações autônomas da classe trabalhadora: sociedades mútuas, sociedades, cooperativas e sindicatos. Como revolucionários, eles entendiam a necessidade de grandes organizações de solidariedade e federações organizadas por comércio e território. Por fim, as sociedades de resistência tinham uma função dupla: primeiro como uma luta contra o capital e depois como construtoras da nova sociedade¹.

Além disso, como a partir de meados do século XIX o movimento dos trabalhadores foi fortemente influenciado pelo republicanismo federal, a organização federal e confederal proposta pelos anarquistas foi tomada como algo natural. De fato, o próprio anarquismo poderia ser entendido como o herdeiro desse federalismo. Essa classe trabalhadora encarava com grande desconfiança qualquer impulso centralista que tendesse à hegemonia de qualquer força política ou ideológica.

Durante os primeiros anos do século, os anarquistas se juntaram às sociedades de trabalhadores em uma escala maciça. E mais tarde, em 1907, com a fundação da Solidaridad Obrera e a realização do Congresso Anarquista Internacional em Amsterdã, essa tendência de participação nos sindicatos foi quase absoluta. Não é que a militância anarquista fosse muito numerosa, mas foi decisiva o suficiente para se impor no movimento operário durante anos. Eles foram a chave para a transição do societarismo para o sindicalismo. Em nível político, eles entenderam que os sindicatos deveriam ser pluralistas e locais onde todos os trabalhadores tivessem um lugar, independentemente de suas posições filosóficas, mantendo o sindicato fora das disputas ideológicas e políticas:

Consequentemente, no que diz respeito aos indivíduos, o Congresso afirma a total liberdade para o sindicalista participar, fora do grupo corporativo, das formas de luta que correspondem à sua concepção filosófica ou política, limitando-se a pedir-lhe, em reciprocidade, que não introduza no sindicato as opiniões que professa fora dele.

Quanto às organizações, o Congresso decidiu que, para que o sindicalismo alcance seu efeito máximo, a ação econômica deve ser exercida diretamente contra os patrões, e que as organizações confederadas, como grupos sindicais, não devem se preocupar com partidos e seitas

¹ Tudo isso pode ser lido com mais profundidade em Antonio Bar, *La CNT en los años rojos*. Akal, 1981

que, fora e ao lado, podem buscar livremente a transformação social. [Trecho final da Carta de Amiens, 1906].

O certo é que, com a anulação da via política, abriu-se o caminho para a predominância anarquista nos sindicatos. Não se pode dizer que eles cooptaram o movimento operário, uma vez que o anarquismo esteve ligado ao movimento operário desde seus primórdios e foi uma das correntes motrizes e articuladoras do operariado espanhol. Portanto, ele foi bem aceito pelo povo. E não se pode dizer que ninguém se sentiu cooptado, pois o interesse geral era construir uma organização sindical unitária, e não um sindicato baseado em uma ideologia ou em determinadas posições políticas, como aconteceu décadas depois.

Também devemos levar em conta o próprio contexto da luta de classes que ocorreu na primeira década do século XX. As demandas dos trabalhadores sempre se chocaram com a impossibilidade e a relutância dos empregadores em implementar melhorias substanciais nas condições de trabalho e de vida. Portanto, os métodos militantes do anarquismo eram altamente valorizados e seus militantes alcançaram posições nas diretorias e comitês sindicais quase por aclamação popular. Nesse sentido, os anarquistas defendiam essas demandas materiais imediatas, mas entendiam que o sindicato, para não cair no reformismo, teria de ter uma intencionalidade revolucionária; no caso deles, a anarquia.

Apesar de tudo, naquela *Solidaridad Obrera* e na *CNT* dos primeiros tempos, predominava uma corrente “sindicalista pura”, que se concentrava em conseguir melhorias imediatas. Essa corrente coexistia com as correntes formadas pelos anarquistas, de um lado, e pelos anarco-sindicalistas, de outro. Os primeiros eram influentes nos sindicatos, pois sempre foram militantes neles. Entretanto, os últimos assumiram gradualmente a liderança da organização após a greve geral de 1909, a chamada *Semana Trágica* ou *La Gloriosa*, para os trabalhadores. Essa greve radicalizou a classe trabalhadora. Além disso, a repressão estatal contra o movimento dos trabalhadores se concentrou em seus líderes, partidários do sindicalismo puro, que acabaram sendo substituídos por militantes anarco-sindicalistas.

Após a *Semana Trágica*, tornou-se necessário que a classe trabalhadora catalã tivesse uma organização que pudesse reunir o maior número possível de trabalhadores. Para conseguir isso, não se podia exigir que os recém-chegados tivessem posições ideológicas específicas. No entanto, era necessário que eles se concentrassem na luta contra o capital dentro da organização e que o mantivessem fora das aventuras políticas. O que caracterizava o anarquismo na época era sua vocação unitarista, muito alinhada com as táticas do sindicalismo revolucionário francês. Sua obsessão era sempre conseguir uma organização de trabalhadores que unisse toda a classe trabalhadora, enquanto outras correntes recorriam ao faccionalismo para conseguir um núcleo de apoio no meio da classe trabalhadora.

Por esse motivo, tanto os republicanos – e naquela época havia muitas pessoas que se diziam republicanas – quanto os socialistas foram bloqueados na *CNT*. E o contexto da luta de classes fez o resto. A luta política era vista como insuficiente para melhorar as condições materiais da classe. Portanto, foi a luta econômica que foi decisiva e que foi escolhida pela classe trabalhadora como a aposta do próprio proletariado, como aconteceu a partir do Congresso de Sants de 1918.

E não é que os socialistas fossem mal vistos na Catalunha. Muitos de seus militantes tinham uma reputação muito boa. Na Catalunha, eles tendiam a apoiar ou incentivar greves, ao contrário dos socialistas de outros lugares. O que os fez perder terreno para os anarquistas foi seu excessivo legalismo. Seu interesse em seguir à risca os estatutos e regulamentos da sociedade dos trabalhadores contrastava com a espontaneidade dos setores anarquistas e comunistas. Nesse aspecto, eles compartilhavam seus caminhos com certos anarco-coletivistas, como Lluas, e essa foi a crítica feita ao FTRE da década de 1880.

Por serem regidos pelos mesmos critérios burocráticos mencionados acima, tanto a *UGT* quanto os socialistas estavam alienados de uma classe trabalhadora que vivia sob um regime de constante violência e coerção da classe capitalista. É por isso que as greves conduzidas por anarquistas tinham mais chances de serem vencidas, dada sua rejeição ao legalismo.

Vamos enfatizar novamente que o anarco-sindicalismo na década de 1910 defendia a unidade acima das diferentes táticas que as sociedades de trabalhadores poderiam ter umas com as outras. Havia legalistas e havia aqueles que promoviam a ação direta como o motor do progresso. O que importava era ter uma organização de massa que pudesse desafiar o capitalismo.

E isso não significa que não tenha havido casos de coerção contra os trabalhadores e as sociedades de trabalhadores que não queriam a unidade. Isso também foi resultado do contexto da luta de classes. Quando há uma greve, os trabalhadores que a propõem e assumem o risco ameaçam os fura-greves ou os possíveis fura-greves. O poder dos trabalhadores também se manifesta ao disciplinar a própria classe. E isso não precisava ser imposto por anarquistas sob a mira de uma arma.

Afinal, a Guardia Civil e a Somatén costumavam atirar na maioria das manifestações, os capatazes eram notórios por seus maus-tratos aos trabalhadores e as armações para incriminar sindicalistas estavam na ordem do dia. As armas existiam em todo o período de 1890 a 1940. Mas elas eram gerais para todo o movimento dos trabalhadores e ocorriam principalmente no contexto da luta econômica, em vez de na luta política.

Os novos tempos – e agora?

Desde a pacificação do movimento trabalhista no Ocidente, na década de 1990, o capitalismo tem conseguido respirar como nunca antes. Naqueles anos, com o mundo do trabalho em declínio, o trabalho perdeu sua centralidade. Como resultado, outros temas sociais tornaram-se mais relevantes do que nunca. Eles também poderiam ser um reflexo da luta de classes, é claro, mas, acima de tudo, eram um reflexo da luta contra a dominação.

O capitalismo se dedicava à acumulação de capital e obtinha lucros recordes com base na especulação de bens e serviços básicos. Nesse sentido, a questão da moradia surgiu a partir da crise de 2008. Habitação entendida como um ativo de investimento, é claro. Nesse contexto de contínuos retrocessos, a classe trabalhadora não tem nada menos do que lutar por sua própria sobrevivência diante do rolo compressor neoliberal.

As classes trabalhadoras estão unidas por nossa condição de despossuídos. Isso se concretiza, em nosso cotidiano atual, nas condições de vida que nos definem e determinam: empregos degradantes, instáveis e intermitentes, ou a ameaça constante de perder um emprego estável como chantagem para aceitar reduções constantes nas condições de trabalho. Essa fraqueza no mundo do trabalho, ou a exclusão direta dele, é combinada de forma brutal com uma série de desconfortos, incertezas e violências ligadas a problemas de moradia: aumento do aluguel, quebra da escada do bloco de apartamentos para nos forçar a sair, corte de eletricidade ou água, tortura do despejo ou ter de viver na umidade e no frio de janelas que não fecham corretamente. Não é preciso dizer que, como grupos já precários, as mulheres e os migrantes são os que mais sofrem com isso.²

Diante dessa situação, o movimento de moradia surgiu como uma tentativa de interromper esse processo. Devido à luta, algumas leis favoráveis ao povo foram aprovadas, mas o avanço do capitalismo mais selvagem continuou. O movimento de moradia surgiu muito atomizado, com os PAHs constituindo não mais do que uma rede ou coordenação de grupos autônomos. Com o tempo, surgiram outros temas, como sindicatos de bairro, sindicatos de inquilinos e sindicatos de moradia. O panorama tornou-se mais complexo.

Uma das intenções do Primeiro Congresso de Habitação da Catalunha, realizado em 2019, era reunir toda essa mistura de organizações e coletivos e transformá-la em um movimento plural, mas unificado. Para isso, as táticas de cada um seriam respeitadas, desde que fossem autônomas em relação aos partidos parlamentares. A inspiração foi o Congresso dos Trabalhadores de Sants de 1918, que havia comemorado seu centésimo aniversário pouco tempo antes.

A falta de ferramentas comuns e de uma coordenação eficaz é um problema, pois dificulta que estejamos à altura da ocasião coletivamente e que demos impulso à nossa luta. De acordo com os compromissos estratégicos que foram propostos no âmbito do congresso, precisamos nos equipar com uma série de ferramentas para torná-los possíveis e superar a situação atual.

Os coletivos que não fazem parte da PAH ou do Sindicat de Llogateres se coordenam informalmente, ou seja, com o risco de acabar gerando papéis de poder não apenas entre coletivos, mas também dentro dos próprios grupos. Esses papéis nos distanciam da horizontalidade da assembleia, minam nossa energia e dificultam nosso envolvimento. É imperativo que nos organizemos de uma maneira mais formal.³

Essa proposta não decolou, e o movimento habitacional permaneceu, de modo geral, atomizado. Há correntes que estão considerando a possibilidade de ter seu próprio movimento habitacional, vinculado a suas posições e estratégias políticas específicas. Um segundo congresso está sendo considerado agora, e veremos qual será o seu efeito. Além disso, é preciso ressaltar que o Congresso ocorreu apenas na

² Do primeiro artigo do Primer Congrès de l'Habitatge de Catalunya, 2019.

³ Do quarto artigo do Primer Congrès de l'Habitatge de Catalunya, 2019.

Catalunha, enquanto o restante do país praticamente não se moveu nessa direção de se articular de forma poderosa. Para onde foram as lições de Sants⁴?

De qualquer forma, voltando ao que foi dito anteriormente, a principal contradição do capitalismo é aquela entre o capital e o trabalho: a produção. O capitalismo não pode existir sem a mais-valia que ele retira de nós em cada salário. Sem essa mais-valia, o capitalismo não é lucrativo. O fato de estar lutando para não ser expulso da moradia significa que a questão trabalhista está muito complicada e que tudo foi um retrocesso.

A moradia é entendida como uma mercadoria que é comprada e vendida ou alugada. Portanto, em nosso mundo, o acesso à moradia dependerá do poder de compra e isso significa, para a classe trabalhadora, ter um salário digno. Portanto, devemos considerar a luta salarial como uma frente prioritária se quisermos derrotar o capitalismo. A luta trabalhista e a luta por moradia podem se retroalimentar porque são dois aspectos da luta de classes, como os antigos entendiam. Mas o mais importante é conseguir melhorar nosso poder de compra como classe para ter acesso a moradia decente. E isso significa controlar o mercado de trabalho. E essa deve ser a principal função dos sindicatos de trabalhadores de nosso tempo.

⁴ É provável que o movimento habitacional tenha seguido involuntariamente o Congresso de Sants na questão das estruturas populares e escolas populares. Digo “involuntariamente” porque, na realidade, seus promotores em 2016-18 tinham outros referentes históricos bastante distantes do movimento dos trabalhadores catalães de 1918, como os Panteras Negras ou Eduardo Freire.

**Por fim, o que o Congresso de Sants
disse sobre os sindicatos únicos?**

As lutas que somos obrigados a travar contra a burguesia, organizados em ramos e indústrias e, em algumas partes, em sindicatos únicos de toda a produção, são as questões que nos obrigaram fundamentalmente a adotar a ideia de que nossa organização deve se basear em ramos e indústrias semelhantes, anexados e derivados. Portanto, deve-se concordar que o Congresso regional, ao adotar esse acordo transcendental, não o fez por um simples desejo de mudar as coisas, mas sim por uma necessidade dos tempos em que vivemos. O Sindicato Único significa, então, o agrupamento de todas as forças, inteligência e vontade dos trabalhadores, não mais de um ofício ou profissão em particular, mas de todos os componentes de um ramo ou indústria, e seus similares.

Por meio do sindicato único, será possível lutar de forma vantajosa contra os patrões, pois quando uma seção do sindicato for forçada a recorrer à greve, ela poderá contar com o apoio imediato e eficaz de todas as suas seções irmãs.

Além disso, acreditamos que essa forma de organização é futurista, pois sua simplicidade possibilitará, quando chegar a hora, manter estatísticas completas da produção total e também realizar a distribuição dessa produção. Entende-se, então, que os Sindicatos Únicos são a expressão mais fiel da ordem construtiva, ofensiva e defensiva que nós, produtores, estamos buscando.⁵

⁵ Veja Los Sindicatos Únicos, das atas do Congresso de Sants, 1918.

Arquivo Lucy Parsons
Repositório de literatura sindicalista revolucionária



Miguel G. Gómez
O sindicalismo revolucionário como uma tendência unitária do movimento dos trabalhadores
2024

Publicado no portal Regeneración em 18/03/2024 e traduzido pelo Arquivo Lucy Parsons em 2024.

biblioteca.arquivolucyparsons.org